

***La part du rite* – um rito discursivo sobre a dança e a modernidade para exercício crítico na contemporaneidade¹**

Cristiane Marques de Oliveira

Resumo

O texto é uma resenha crítica sobre a obra “*La part du rite*” (2012), performance criada pelas artistas Latifa Lâabissi e Isabelle Launay. Apresenta-se uma análise sobre a estrutura da obra com base em conceitos das teorias Crítica e Pós-estruturalista, considerando as relações estabelecidas entre o corpo, o texto e o movimento como meio para produção de um discurso que saúda as provocações intelectuais que moveram a modernidade e a dança moderna ocidental, ao tempo em que critica a contemporaneidade e os contemporâneos.

Palavras-chave: Performance; Discurso; Teoria Crítica; Modernidade; Contemporaneidade.

Abstract

The text is a critical review of the artwork “*La part du rite*” (2012), performance created by the artists Latifa Lâabissi and Isabelle Launay. Were presented an analysis of the artwork structure based on concepts of Critical and Post-structuralist theories, considering the relationships established between body, text and movement as a mean of producing a discourse that acclaim intellectual provocations that moved the modernity and occidental modern dance, while criticizing contemporaneity and contemporaries.

Keywords: Performance; Speech; Critical Theory; Modernity; Contemporaneity.

Discurso-ritual e performatividade

“Anos 1920: a dança de todos... a dança para todos... e a dança de cada um. A dança como promessa de felicidade (...) liberdade que vai construir um mundo novo” – com essas declarações se inicia a performance *La part du rite*².

¹ O espetáculo foi assistido pela autora em 2015, no Fórum Internacional de Dança (FID), realizado no Brasil.

² Tradução livre do texto dito por Isabelle Launay no espetáculo *La part du rite*.

O corpo de voz abafada, porém ativa, está invisível sob uma espécie de altar e submerso em inúmeras toalhas brancas. A outra performer, sem revelar a sua face, manipula bruscamente o corpo da interlocutora como se fosse uma força ou entidade.

Aparentemente o corpo manipulado nada anseia, pois somente responde às indicações e solavancos externos impostos a ele. No entanto, realiza um intenso exercício intelectual e verborrágico, de forma que o enunciado, assim como o corpo, é revirado, amassado, modelado, esticado, empurrado e desafiado em seus *sentidos*: físicos e simbólicos.

A voz insistentemente discorre sobre a história da dança. Invoca figuras como Rudolf Laban e Isadora Duncan, traz à luz os ideais que inspiraram suas obras e lutas. Grita questões sobre a arte e o fazer na arte, nos *fala* sobre os traumas da guerra e o seu impacto nos corpos dos cidadãos.

Materializa um *discurso-ritual* que saúda a história da dança e os movimentos intelectuais modernos e questiona os contemporâneos: quão inertes e anestesiados estamos diante das calamidades e acontecimentos catastróficos que nos rodeiam?

“Rituais são cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos, carregados de intencionalidade” (BORRES; COSTA, 2012: 91). Nas tradições religiosas o objetivo do ritual é possibilitar um meio para adentrar o mundo divino de maneira que o homem, através do rito, se incorpore ao mito. O rito, portanto, é a *práxis* do mito, ou seja, a sua *prática*.

De acordo com Austin (1962/1990), as *práticas* partem da premissa de que “dizer é fazer”³ (apud ENDEMANN; TOURINHO,

³ Título original “How to do things with words”, obra de John Langshaw Austin, publicada em 1962, e traduzida para o português em 1990, pelo professor Danilo Marcondes de Souza Filho. A obra é resultante de uma série de conferências proferidas pelo autor em 1955. (apud ENDEMANN E TOURINHO, 2007).

2007), de modo que as práticas seriam *proferimentos performativos*, enquanto que as *declarações* seriam compreendidas como *proferimentos constataivos*. Não obstante, *declarar* é invocar um *ato*, pois é um *proferimento* em uma situação linguística (ibidem).

Por sua vez o discurso, na perspectiva pós-estruturalista, trata de qualquer prática sobre o mundo. É uma estrutura de significados que constrói realidades sociais (MILLIKEN, 1999) e conceito que implica preocupação com significado e valores produzindo práticas na linguagem, compreendida como: “ferramenta transparente (...) condutor entre pensamentos, conceitos ou coisas” (SHAPIRO, 1998: 14).

A *performance art* é uma linguagem artística que apresenta íntima relação com o ritual, cuja prática apropria-se de elementos do real no ato, tais como, o *aqui e agora*, à exemplo dos *Happenings*⁴. Também a forma de presença na *cena* é singular por se tratar da vida em acontecimento e não uma representação da realidade. Para Schechner a performance é: “ser; fazer; mostrar-se fazendo; explicar ações demonstradas” (2003: 26).

La part du rite utiliza a relação entre ação e enunciado (proferimentos performativos e constataivos), característico no trabalho de Lâabissi⁵, para exercício crítico sobre o homem e o mundo, moderno e contemporâneo, e discute a violência, o nacionalismo, o poder, a construção da identidade do sujeito e sua incessante busca pela essência.

Exercício crítico para a contemporaneidade

Enterrada em meio às toalhas brancas Launay *fala* sobre os corpos dos indivíduos (no

mundo), “um acordo somático com contrato social”⁶. Nos conta sobre a busca de Duncan por alcançar a revolução através da dança, esta que seria produzida a partir da escuta do próprio trauma, e, por isso, constituindo-se como “verdadeiro comunismo (...) advindo de um sopro, da respiração de um corpo” (LAUNAY, 2015). Propaga também sua utopia que era “desenvolver o gesto essencial e não sei porque reformar a vida” (ibidem).

Ao som de *flip-flops* surgem as frases: “a reificação⁷ do corpo como máquina de produção (...) capitalismo: movimento marcado pela pulsão de morte (...) corpos máquinas, objetos de matar” (LAUNAY, 2015). Nesse momento se desenrola uma metáfora-movimento da performer como “coisa” disforme

⁶ “O contrato social, que realiza a passagem do estado de natureza para a sociedade política ou civil é formada por um corpo político único, dotado de legislação, de judicatura e da força concentrada da comunidade. Seu objetivo precípua é a preservação da propriedade e a proteção da comunidade tanto dos perigos internos quanto das invasões estrangeiras (...) Em Hobbes, os homens firmam entre si um pacto de submissão pelo qual, visando a preservação de suas vidas, transferem a um terceiro (homem ou assembleia) a força coercitiva da comunidade, trocando voluntariamente sua liberdade pela segurança do Estado-Leviatã. Em Locke, o contrato social é um pacto de consentimento em que os homens concordam livremente em formar a sociedade civil para preservar e consolidar ainda mais os direitos que possuíam originalmente no estado de natureza. No estado civil os direitos naturais inalienáveis do ser humano à vida, à liberdade e aos bens estão melhor protegidos sob o amparo da lei, do árbitro e da força comum de um corpo político unitário” (MELLO; WEFFORT, 2011: 69).

⁷ “Reificação é o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso “especial” de ALIENAÇÃO, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista” (BOTTOMORE, 2012: 495).

⁴ “Ações realizadas apenas uma única vez” (SCHECHNER, 2003: 27).

⁵ <https://www.franceculture.fr/personne-latifa-laa-bissi.html>.

e inerte, que tudo aceita do seu manipulador, matéria frágil e inanimada, em condição análoga aos corpos que alimentam e são/estão subjugados pelo/no sistema capitalista.

Essa ação permite também intertextualidade com o conceito de “corpos dóceis” proposto por Michel Foucault que seria: “aquele que se manipula, se modela, se treina; aquele que obedece” (FOUCAULT, 1999: 163). Ou seja, corpos disciplinados que tem por motivo de existência cumprir sua funcionalidade, neste caso, a serviço do capital, cujo intuito é atender a demanda do mercado a partir de sua “participação” no processo produtivo.

Em seguida, Launay esmiúça a problemática sobre os indivíduos que estão a serviço da guerra no século XX, período em que se descobria a possibilidade de destruição em massa integrada ao modo de produção industrial, o que tornou possível a morte calculada de pessoas em larga escala e de forma sistemática. Na cena vê-se a imagem do seu próprio sepultamento.

A incessante relação dual dominador/dominado presente nas ações físicas da performance, aliada ao enunciado que toca o tema da divisão internacional do trabalho e a sua relação com as práticas coloniais e imperialistas promove alusão ao pensamento de Immanuel Wallerstein na Teoria *Sistema-Mundo*⁸ e o conceito de *centro-periferia*⁹.

⁸ “A world-system is a social system, one that has boundaries, structures, member groups, rules of legitimation, and coherence. Its life is made up of the conflicting forces which hold it together by tension and tear it apart as each group seeks eternally to remold it to its advantage. It has the characteristics of an organism, in that it has a life-span over which its characteristics change in some respects and remain stable in others. One can define its structures as being at different times strong or weak in terms of the internal logic of its functioning (...) We have defined a world-system as one in which there is extensive division of labor. This division is not merely functional – that is, occupational – but geographical” (WALLERSTEIN, 1974: 347-349).

⁹ “The new system was to be the one that has predominated ever since, a capitalist world-economy whose

Quando se fala em grupo, comunidade e danças tradicionais o corpo é retirado do seu altar e arrastado pelo chão. Há ausência de corpo quando o assunto é desemprego, restando apenas a voz da interlocutora no espaço. Em seguida, a performer é deixada de lado, divagando à deriva. Do outro lado da cena, encontra-se um amontoado de toalhas que guarda a mesma posição que o seu corpo, como se fosse o seu “outro”, porém mudo, ou um antagonista silencioso.

Lâabissi (a performer que manipula) deita-se ao lado de Launay que discorre sobre o socialismo e a dança de massa dos anos 1930 (que buscava conquistar o espaço público), ao passo que se desenrola uma pequena dança *par terre*. É citado que “a dança desenvolve agitação de luta no seio social”, o que significava uma ameaça na perspectiva do partido socialista alemão.

Outra discussão em *cena* diz respeito à *crise de identidade* do indivíduo moderno e pós-moderno, concebido como fragmentado e descentralizado. Quanto a essa reflexão, em seu aspecto positivo verifica-se que a identidade é constituída a partir de um processo contínuo, mutável e em constante transformação de si mesmo (HALL, 2006). Por outro lado, em seu aspecto negativo, para Sigmund Freud ela reflete a incapacidade do sujeito em ser uno, centrado e integrado, tema abordado pelo psicanalista em “Mal estar na civilização”¹⁰, obra citada na performance.

core-states were to intertwined in a state of constant economic and military tension, competing for the privilege of exploiting (and weakening the state machineries of) peripheral areas, and permitting certain entities to play a specialized, intermediary role as semiperipheral powers” (WALLERSTEIN, 1974: 196-197).

¹⁰ Obra Freudiana que investiga as origens da infelicidade, sobre o conflito entre indivíduo e sociedade e suas diferentes configurações na vida civilizada. Nas palavras do historiador Peter Gay, “uma teoria psicanalítica da política”. (texto descritivo sobre a obra – Disponível em: <http://www.saraiva.com.br/o-mal-estar-na-civilizacao-3694499.html>).

Em direção ao final, a performance apresenta um ciclo de repetição de ações regulares e lineares no tempo, tanto em sua coreografia, quanto em seu conteúdo textual, o que reforça a ideia de reificação, reiterando de maneira quase agressiva seu discurso “vivo” sobre a sociedade e suas doenças políticas, econômicas e sociais.

Em cena é retratada a imagem de um corpo que é enrolado pelo espaço, uma imagem incorporada de alguém que apenas segue a inércia do movimento que lhe é atribuído, um corpo que não resiste ou não “pode” mais. O discurso perde-se e torna-se retórica. O altar está vazio e restam apenas as toalhas brancas.

Considerações finais

La part du rite é um ato performativo-discursivo-ritual cuja intencionalidade (pressuposto do ritual) trata da arte como expressão de fé: em relação à importância do labor daqueles que a realizam, ou seja, os artistas, e quanto ao seu compromisso com nada menos do que tocar a sensibilidade humana. Realiza um apelo à consciência dos indivíduos sobre a importância de questionar a realidade posta e insiste na missão pela transformação do mundo (para melhor).

Referências bibliográficas

- AUSTIN, John Langshaw (1990) – *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. 1.º ed. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução: Danilo de Souza Filho. 136 p.
- BORRES, Guilouski; COSTA, Diná Raquel (2012) – Rito e Ritual. *II Jointh – Jornada Interdisciplinar de pesquisa em teologia e humanidades. Subjetivação contemporânea e religiosidade*. PUCPR. p. 91-109. Consult. 07/11/2015. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/2jointh?dd99=pdf&dd1=7577>.
- BOTTOMORE, Tom (2012) – *Dicionário do Pensamento Marxista*. 2.º ed. Rio de Janeiro: Zahar. 682 p. ISBN 9788537809396.
- ENDEMANN, Peter; TOURINHO, Emmanuel Zagury (2007) – “Linguagem e Instituições Sociais em Skinner e Austin”. In *Acta Comportamental*. Vol. 15, n.º 2. p. 207-228. Consult. 03/04/2018. Disponível em <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/14521>. ISSN 0188-8145
- FRANCECULTURE. Latifa Lâabissi. Consult. 25/07/2019. Disponível em <https://www.franceculture.fr/personne-latifa-laabissi.html>.
- FOUCAULT, Michel (1999) – *Vigiar e Punir*. 20.ª ed. Petrópolis: Vozes. 288 p. ISBN 85.326.0508-7.
- HALL, Stuart (2006) – *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ª ed. Rio de Janeiro: DP&A. 64 p. ISBN 85-7490-402-3.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida (2011) – “John Locke e o individualismo liberal”. In *Os Clássicos da Política I*. 14.º ed. São Paulo: Ática. e-ISBN 9788508149797. p. 64-87.
- MILLIKEN, Jennifer (1999) – “The Study of Discourse in International Relations: A Critique of Research and Methods”. In *European Journal of International Relations*. Sage – Social Science Collections. Vol. n.º, p. 224-254. London. Consult. 01/09/2015. Disponível em <http://ejt.sagepub.com/content/5/2/225/>. ISSN 1354-0661.
- SCHECHNER, Richard (2003) – “O que é performance?”. In *O Percevejo. Revista de teatro, crítica e estética. Estudos da Performance*. Ano 11, n.º 12. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Rio de Janeiro. ISSN 0104-7671. p. 25-50.

SHAPIRO, Michael F. (1998) – “Textualizing global politics”. In *International/Intertextual Relations. Postmodern Readings of World Politics*. New York: Lexington Books. ISBN-10: 0669189553. p. 11-22.

WALLERSTEIN, Immanuel (1974) – *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press. xiv, 410 p. ISBN 0-12-785920-9.